

RELATO

Minha trajetória no IBC

por Mayá Devi de Oliveira

Mayá Devi é cega de nascença, mas só aos 18 anos teve seu primeiro contato com o alfabeto Braille. Hoje, além de professora de História do IBC, já publicou três livros de poesia: *Suspiros da Madrugada*, *Mensagens da Madrugada* e *Alvorada*.

EMBORA DEFICIENTE VISUAL DE NASCENÇA, o meu primeiro contato com o IBC só aconteceu quando eu já havia completado 18 anos. Na época, não conhecia ainda o Sistema Braille, nem havia estudado em colégio algum. Entretanto, já possuía razoável instrução, graças à dedicação de meu pai, que, embora não fosse professor, tinha sólida cultura, e me transmitia seus conhecimentos. Ressalvadas as lacunas do ensino exclusivamente verbal, esses ensinamentos proporcionaram-me considerável preparo, que, em algumas disciplinas, menos dependentes de visualização, ia além do primeiro grau. Meu pai chegou inclusive a alfabetizar-me usando letras de forma aumentadas, feitas com lápis bicolor.

Com o passar dos anos, porém, pude perceber que esse aprendizado era insuficiente e jamais teria algum valor, do ponto de vista prático, se eu não procurasse uma escola. Por isso, em novembro de 1947 fiz minha primeira visita ao IBC. Foi quando tive meu primeiro contato com o alfabeto Braille. Ao sair do Instituto, com o alfabeto emprestado de uma professora, decidi que naquele mesmo dia aprenderia o Braille de a a z. No dia seguinte, depois de passar a madrugada estudando, voltei ao IBC com a tarefa cumprida. Nos nove dias restantes do ano letivo, consegui memorizar todos os caracteres do sistema. Quando a escola entrou em férias, meus estudos continuaram, pois havia levado uma cartilha para casa com o firme propósito de lê-la por conta própria. Isto não foi fácil, pois a confusão com as linhas eram uma constante, e eu não conseguia evitar as diagonais que as freqüentes desorientações provocavam.

Com o início do ano letivo seguinte, fui matriculada no curso supletivo, que reduzia para dois anos a primeira etapa do primeiro grau. Além da leitura, comecei a praticar a escrita e o cálculo. Em menos de um mês, já escrevia e calculava através do tato. No mesmo ano, iniciei os cursos de Datilografia, Massagem, Teoria e Solfejo e Economia Doméstica dentro do próprio Instituto, já que as aulas do supletivo só aconteciam à noite, e eu tinha todo o dia livre. No final desse ano, passei para o segundo ano de dois cursos: o supletivo e o curso de Teoria e Solfejo. Pude então aproveitar minhas primeiras férias escolares, que tive quase aos 20 anos de idade.

Depois de concluir os quatro anos do ginásio no IBC, fui admitida no curso Normal do Colégio Bennett, uma escola para videntes. O IBC, contudo, continuou a me dar assistência em matérias que o meu colégio ainda não tinha condições de ministrar, como Educação Física e Trabalhos Manuais. Por ser uma das duas únicas normalistas deficientes visuais na época, em 1955 passei a integrar o Corpo Docente do IBC, uma oportunidade que surgiu antes mesmo de me tornar professora, o que se deu no final de 1956. Depois de 12 anos atuando no ensino elementar, pela minha formação assumi o Magistério de História do IBC.

Paralelamente às minhas atividades docentes, comecei a desenvolver uma aptidão que me acompanhava desde o início dos meus estudos: a poesia. No início de 1985, passei a acumular além dessas duas funções, mais uma atividade no Instituto: o atendimento à comunidade. Passei a mediar as relações sociais do IBC com o público externo, através de consultas, visitas e troca de informações e experiências com educadores e alunos de outras instituições.

A gratidão que tenho por esta instituição, responsável pelos passos fundamentais de minha trajetória, me leva a considerar o IBC como meu segundo lar. Os 39 anos de trabalho ininterruptos que venho dedicando ao IBC comprovam isso. Aqui superei dificuldades e desenvolvi inclinações ao longo de todo esse tempo de convívio. Aos 6 anos de aprendizado que obtive no IBC devo considerável parte de tudo o que consegui até hoje, e ainda do que virá pela frente.

OS LIVROS DE POESIAS DE MAYÁ, COM EXCEÇÃO DO SUSPIROS DA MADRUGADA (QUE ESTÁ ESGOTADO) PODEM SER ADQUIRIDOS COM TEREZA, ATRAVÉS DO TELEFONE (021) 572-9829.

Não ser banal

*Não ser banal não é viver buscando
um não sei quê de tudo diferente.
Não é gritar dizendo a toda gente
que o original só vive cultivando.*

*Não ser banal não é falar zombando,
de quem fala de amor abertamente.
De quem escreve apenas o que sente,
pelo prazer de só viver vibrando.*

*Não ser banal não é mudar de plano,
não é reter nas mãos o que é disperso,
não é quebrar a métrica de um verso.*

*Não ser banal, irmão, é ser humano,
é distinguir o simples do vulgar,
é sentir o profundo e meditar!*

*Este poema de Mayá foi vencedor de um concurso de poesias organizado pela Editora do Poeta. Faz parte do livro **Antologia Poética da Editora do Poeta**, lançado em 1997.*